

O que eu aprendi de minha interação com a pessoa e a obra de Paulo Freire e qual a importância de Nita Freire na sua vida e obra

ALÍPIO CASALI

Resumo

Neste curto ensaio descrevo sumariamente o que aprendi de minha interação com a pessoa e a obra de Paulo Freire: a simplicidade, a coerência entre seu discurso e sua prática, a radicalidade de seu compromisso, a contemporaneidade de seu pensamento e obra. Aprendi quais serão as principais qualidades do educador, se quiser praticar essas virtudes exemplares e ter o vigor da contemporaneidade. Descrevo também a importância da presença da esposa Nita na vida de Paulo Freire: o quanto seu amor, seu cuidado e seu apoio permitiram revitalizar o cotidiano de Paulo, encorajar a escrita de importantes livros seus e, após sua morte, recuperar e publicar vários de seus textos até então inéditos.

Abstract

In this short essay I describe summarily what I have learned from my interaction with Paulo Freire as a person and from his work: simplicity, coherence between discourse and practice, radical commitment, contemporaneousness of thought and work. I have learned which are the most important qualities of an educator, if he/she wants to practice such exemplary virtues and be vigorously contemporary. I describe, furthermore, the importance of the presence of his wife Nita in his life: how much her love, care and support made it possible to revitalize Paulo's day-to-day life, to encourage writing new important books and, after his death, to retrieve and publish several of his texts which were until then unpublished.

O QUE EU APRENDI DA MINHA INTERAÇÃO COM A PESSOA E A OBRA DE PAULO FREIRE

O traço que eu considero mais notável na vida e obra de Paulo Freire é a sua visceral ligação, prazer e compromisso com a vida em geral e com a vida de cada um e todos os seres humanos. Considerei esse compromisso sempre associado a três outras qualidades que não consigo separar dele: a simplicidade no seu modo de ser pessoal; a coerência entre seu discurso e sua prática; a radicalidade nos seus posicionamentos político-pedagógicos (Casali, 1998). Considero tais traços como qualidades éticas.

Sua simplicidade se mostrava em suas rotinas cotidianas e em seus relacionamentos com as pessoas a seu redor, principalmente as mais humildes: fossem serviçais, alunos ou cidadãos desconhecidos. A todos dava a mesma atenção, dispunha o mesmo cuidado, reconhecia o mesmo valor. Nisto, ademais, ele se mostrava coerente entre tudo o que afirmava e tudo o que praticava.

Paulo Freire já havia marcado definitivamente minha trajetória profissional desde que eu lera, em 1971, o seu *Educação como Prática da Liberdade*, obra essa que levou-me imediatamente a seu outro texto - a *Pedagogia do Oprimido*. Nessas duas obras encontrei, elevado ao plano de um princípio pedagógico teoricamente bem fundamentado, aquilo que eu intuía como sendo o mais elementar da prática pedagógica: o diálogo entre educador e educando. Depois que conheci pessoalmente Paulo Freire em 1977 e, principalmente, depois que passamos a ter um convívio profissional cotidiano na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1989, essa influência se consolidou. Eu passei a ter, além de boas razões argumentativas para pensar a educação como uma ação dialógica, razões ainda melhores, de caráter testemunhal, para praticá-la. Paulo Freire não apenas escrevera substantivamente sobre o diálogo na educação: ele próprio era, coerentemente, um testemunho e um exemplo vivo, denso, integral, fulgurante, daquilo que escreveu. Esse convívio tornou-se uma experiência fundante em minha prática pedagógica e em minha vida pessoal.

Sua obra de maturidade, que aqui é tomada como sendo a principal referência de sua identidade teórica e prática - a *Pedagogia da Autonomia*, não por acaso é construída em torno de um eixo único propositivo: o ensinar. O livro é constituído por três capítulos, cada um contendo nove enunciados, todos iniciando com a mesma expressão: *ensinar exige*. É evidente que não se trata de falta de imaginação e sim de uma insistência sobre o ponto fundamental da ação educativa. O verbo é forte: exigir. Trata-se de um imperativo, uma *conditio sine qua non*.

Vale lembrar que, na língua original em que Freire escreveu a *Pedagogia da Autonomia*, a língua portuguesa, *ensinar* é uma palavra de origem latina que significa “imprimir um signo, um sinal, uma marca”: *in-signum, in-signare*, em latim,

resultou em *in-segnare* em italiano, *en-seigner* em francês, *en-sinar* em espanhol e português. Na língua inglesa é evidente a associação fonética entre *teach* e *touch*: o que remete à mesma ideia de se imprimir uma marca. Ensinar, na escola, é cumprir uma tarefa complexa, que vai além da dimensão cognitiva. Do ponto de vista dos indivíduos, implica em contribuir para a realização da sua vida desde já, enquanto são preparados para a realização de sua vida adulta plena. Ensinar é formar a pessoa, o profissional, o cidadão. Por isso também o título de sua obra inaugural é educação *como prática* da liberdade, e não somente como sua formação para o futuro.

Se eu tiver que fazer um balanço crítico do que Paulo Freire me ensinou e ensinou a tantos outros homens e mulheres com os quais de algum modo eu interagi, eu reconheceria as seguintes marcas, todas elas radicalmente contemporâneas:

- a afirmação positiva da dignidade inerente à vida dos milhões de excluídos do mundo: e nunca a humanidade produziu sistematicamente tantas vítimas de seu próprio sistema;
- a afirmação do valor e da importância estratégica da ação pedagógica-cultural-política para esses excluídos como sujeitos em comunidade, para agirem eles próprios na superação de sua exclusão e assim transformarem o que os desumaniza: e nunca tal ação mostrou-se tão urgente e decisiva para a superação da exclusão e para a construção de uma nova ordem humana;
- a afirmação do diálogo e da ética como as qualidades centrais nessa ação: e nunca houve tão massivamente tanto desentendimento, autoritarismo dissimulado e submissão da liberdade, assim como nunca o padrão de conduta ética para o convívio humano esteve tão ameaçado de dissolução coletiva;
- a afirmação das pessoas como subjetividades ancoradas por vínculos afetivos, pessoais e culturais: e nunca as pessoas foram tão reduzidas a unidades quantitativas de produção e consumo.

Essa posição freireana, radicalmente identificada com os problemas histórico-culturais concretos, contemporâneos e mundiais, foi precisamente o que fez a sua pedagogia, produzida inicialmente na clandestinidade e no exílio, alcançar a máxima universalidade, notoriedade e consagração mundial. No Brasil, na América Latina, na América do Norte, na África, Ásia e Europa, o reconhecimento da validade da prática pedagógica freireana decorre dessa sua *potentia* cultural: analogamente, os desafios são os mesmos por toda parte, os “oprimidos” têm etnia, cultura, língua, nação próprias, mas são em qualquer parte exemplares de uma similar miséria humana a ser superada: a da exclusão escolar, cultural, política. Trata-se de uma exemplaridade ética de valor universal.

Por isso Enrique Dussel (1998, p.423), uma das mais importantes expressões do pensamento crítico contemporâneo, no campo da ética e da política, assim

afirmou acerca de Freire: “Paulo Freire não é simplesmente um pedagogo, no sentido específico do termo, é algo mais. É um educador da “consciência ético-crítica” das vítimas: os oprimidos, os condenados da terra, em comunidade.”

O legado de Freire é inesgotável e de valor inestimável para o mundo contemporâneo e futuro, pois a condição atual do mundo globalizado em crise prenuncia e exige mudanças radicais - econômicas, políticas, sociais, sob risco de ultrapassar seus limites de sustentabilidade. Exige-se um novo ensino, novas marcas impressas nas novas e futuras gerações. Os 900 milhões de adultos analfabetos, as 130 milhões de crianças não escolarizadas, as 100 milhões de crianças que abandonam precocemente a escola (Delors, 1998, p. 22), são alguns dos sintomas dramáticos. Não haverá solução para tal quadro que não passe por processos pedagógicos apropriados. Não haverá processo pedagógico apropriado se não se considerar a intuição freireana de se partir positivamente da vida e da cultura negada desses oprimidos, para que eles sejam também sujeitos de sua libertação e de seu desenvolvimento.

A validade do discurso crítico da comunidade de educandos oprimidos, excluídos, vítimas do sistema, na vida e na obra de Paulo Freire, encontra seu fundamento primeiro e último na condição de sua vida negada. Com efeito, a vida é o fundamento primeiro e último de toda verdade, é o valor mais universal, é a medida de legitimidade de todo pensamento e ação, e por isso sua negação é o problema fundamental. A vida negada impõe seu interesse inerente de ser, e de ser mais e melhor. Antes de tudo, em sua materialidade fundante, e isso faz ressaltar que o problema humano realmente fundamental (radical) é a fome e, em última instância, a vida espiritual a ser desenvolvida no horizonte sempre último de suas possibilidades. A vida de que se trata, em Freire, ademais, é a vida *con-vivida*, é vida em comunidade. Quando iniciou seu programa de alfabetização de adultos, tratava-se de uma comunidade de seres humanos privada do recurso básico de acesso à vida social plena (a leitura e a escrita da palavra, elementos indispensáveis para o usufruto dos bens coletivamente produzidos em sociedade); no final de sua vida e ação política, quando dedicou-se à gestão do sistema público de educação na cidade de São Paulo, tratava-se de uma comunidade complexa de *con-cidadãos* sem pleno direito à escola regular.

A comunidade de “vítimas” (Dussel, 1998) excluídas, na pedagogia freireana, constrói um consenso argumentativo mediante um processo sistemático de diálogo radical, em condição maximamente simétrica entre os participantes, em que todos têm sua palavra para dizer de seu mundo, e nesse diálogo a partir de e sobre sua prática, realizam a conscientização, que avança como práxis de libertação mediada pela leitura e pela escrita do mundo. Esse processo de se partir radicalmente da vida negada das vítimas (os oprimidos) e de se chegar a uma práxis de libertação é um processo de realização da ética.

O pensamento ético crítico de Freire se organiza no entrecruzamento de dois eixos: o da radicalidade e o da totalidade. Radicalidade não no sentido de sectarismo e sim de empenho em buscar as raízes ou origens das coisas e da História. É o empenho de compreensão dos fenômenos por sua gênese ou historicidade. Totalidade, no sentido de empenho por compreender cada fenômeno, cada acontecimento, cada processo, cada problema, dentro do conjunto de que faz parte, supondo-se que todo acontecimento é parte de um todo, e que para compreender a parte é preciso compreender a totalidade da qual ela é parte.

As Primeiras Palavras da Pedagogia do Oprimido já demarcavam essa questão, na oposição que Freire ali postula entre o sectarismo e o radicalismo. Ele apresenta, de partida, sua obra como sendo um ensaio e um trabalho “para homens radicais” (Freire, 1968/1987, p. 21). Sejam eles cristãos ou marxistas, se não forem sectários, com posições fechadas e irracionais, poderão aceitar o diálogo proposto pelo livro. A distinção é clara:

- o sectarismo é castrador, alienante, mítico, irracional, um obstáculo à emancipação dos homens, incapaz de perceber a dinâmica da realidade (ou a percebe equivocadamente), domesticador do tempo e dos homens; o sectarismo, seja de direita ou de esquerda, é sempre reacionário (p. 21-24);
- a radicalização é criadora e libertadora, pela criticidade que a alimenta; realiza a unidade dialética entre subjetividade e objetividade; inscreve-se na realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la; enfrenta, ouve, desvela o mundo, encontra o povo, dialoga, compromete-se; a radicalização é própria do revolucionário.

Em consequência, conclui, a *Pedagogia do Oprimido* implica numa “tarefa radical” (p. 21-25). A radicalidade, assim descrita por Freire, pertence à família da consciência, da coragem, do compromisso, da práxis, do enraizamento histórico e da totalidade da condição humana.

Propiciar a construção da autonomia do educando é a tarefa mais difícil e mais radical do educador. É a sua suprema obra ética. Para que isso seja possível, requer-se um conjunto de *qualidades* do educador, ademais de todas as virtudes éticas e da autonomia que ele, evidentemente, deve realizar.

- *Integridade pessoal.* Um educador que não cuida de si não sabe cuidar do Outro. O cuidado de si, eticamente, significa cuidado com a própria saúde e a dignidade corporal, psíquica e afetiva. Ser coerente e digno. Respeitar-se. Cultivar-se. Desenvolver qualidades intra-pessoais: investir em si mesmo e na própria formação e desenvolvimento pessoal. Cultivar a bondade e a beleza. Cultivar a espiritualidade e as artes. Tratar de ser feliz.
- *Olhar atento e a escuta sensível.* O aluno está na escola sob cuidados transferidos pela família. O primeiro dever dos educadores com respeito

ao aluno é o olhar atento e a escuta sensível, para perceber a criança e o jovem como eles são, tanto quanto possível, identificar suas demandas, seus direitos, suas potencialidades.

- *Diálogo e a comunicação*, porque provocam positivamente os educandos a dizerem de si, e de atribuírem por si mesmos significados e sentidos às suas experiências na escola, definindo com mais precisão onde e como necessitam de cuidados pedagógicos.
- *Capacidade técnica de elaborar soluções* para os problemas identificados, e implementá-las. Tendo observado, escutado, dialogado, o educador age no sentido de solucionar o que é equivocado ou insuficiente.
- *Clareza sobre o que é o bom*, o reto, o justo. A boa, reta e justa intenção é sempre uma condição ética formal a priori de todo educador.
- *Clareza sobre o que é factível*. O educador crítico deve considerar todas as condições de possibilidade de realização objetiva, material e formal, empírica, técnica, econômica, política, cultural etc., levando em conta as leis da natureza em geral e da natureza humana em particular (Dussel, 1998, p. 266).
- *Gestão sustentável de recursos e meios*, pois é um imperativo ético que nada se desperdice e tudo seja aproveitado maximamente para o fim de realizar o bom ensino-aprendizagem.
- *Gestão de crises e conflitos*, pois as crises e conflitos são inevitáveis, dada a imperfeição humana e a impossibilidade de todos os interesses, direitos, sentidos e gostos coincidirem.
- *Cultivo da esperança*: a aposta no futuro, a confiança nas possibilidades de desenvolvimento pessoal e institucional, dos educadores, dos educandos e da própria Escola.
- *Compromisso com o futuro*: compromisso (empenho e responsabilidade) pessoal e profissional, com os direitos dos que virão.

Foi isso, essencialmente, que Paulo Freire me ensinou.

A IMPORTÂNCIA DE NITA FREIRE NA VIDA E OBRA DE PAULO FREIRE

No dia da morte de Elza Freire, 24 de outubro de 1986, fui levar a Paulo meu abraço amigo de solidariedade com sua dor pela perda da esposa e companheira. Paulo me disse: “Isso é um desastre; não sei se tenho como me reorganizar.” Sei que minhas palavras de conforto pouco lhe serviram naquele momento.

Mas lembrei-me bem delas quando, dois anos depois, Paulo casou-se com Nita e eu o via, novamente, radiante e em paz com a vida e com o amor. “Assumi a decisão de viver”, declarou ele próprio ao *Jornal da Universidade de Campinas* (Freire, 2006, p. 551).

Para aqueles que tivemos o privilégio do convívio com Paulo e Nita, a diferença que se fez na vida de Paulo após seu encontro com Nita é reconhecidamente imensa. Instalou-se um outro estilo de vida: mais aberto, mais descontraído, mais alegre. Paulo mudou seu modo de se vestir e de se comportar. Saía mais de casa, relacionava-se com mais frequência com amigos. Viajava mais, atendendo aos inúmeros convites que recebia, sobretudo de universidades, do País e do exterior.

Não tenho dúvidas em associar essa revitalização de Paulo Freire à sua disposição renovada também em escrever. Desde 1982 (*A importância do ato de ler*) Paulo Freire não mais escrevera. Entretanto, já casado com Nita, outro projeto político se apresentou a Paulo nesse período: o convite de Luiza Erundina, recém-eleita prefeita da Cidade de São Paulo em novembro de 1988, pelo Partido dos Trabalhadores, para que Paulo Freire assumisse a Secretaria Municipal de Educação da maior cidade da América Latina. Não obstante seu projeto de retomar a escrita de livros, Paulo aceitou o convite, assumindo um dos mais difíceis desafios de sua vida profissional. Tendo sido eu também Secretário Municipal e ao mesmo tempo Chefe de Gabinete da Prefeita, no mesmo governo, no mesmo período, pude acompanhar de perto as inovações que Paulo Freire introduzia no conceito e na prática de se fazer política pública voltada à democratização e à inclusão educacional num governo democrático e popular. Mais uma vez, como observador privilegiado, vi Paulo Freire, com o apoio de sua competente equipe de governo, colocar em movimento a pesada máquina burocrática municipal de ensino. Nesse período, mais uma vez, a presença de Nita mostrou-se vital para Paulo, inclusive quando “resgatava-o” em momentos críticos de elevada tensão política e administrativa do Governo, para um lazer criativo e reanimador, num cinema, teatro ou restaurante.

Paulo Freire não permaneceu no governo até o fim do mandato de Luiza Erundina, e a mais forte razão para isso foi, segundo ele próprio declarou, seu projeto de retomada da escrita de livros. Foram várias obras que ele concluiu em sequência: *A Educação na Cidade* (1991), *Pedagogia da Esperança* (1992), *Política e Educação* (1993), *Professora Sim, Tia Não* (1993), *Cartas a Cristina* (1994), *À Sombra desta Mangueira* (1995); enfim, o *Pedagogia da Autonomia* (1996). Eu não saberia encontrar outra explicação para esse profícuo período da vida de Paulo Freire sem associá-lo ao amor, ao apoio afetivo e ao apoio técnico de Nita Freire. Apoio técnico, sim, pois Nita concluíra seu doutorado em 1994, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e disponibilizou a seu marido sua competência acadêmica (posso testemunhar isso por ter sido Orientador de sua Tese) na organização de seus escritos e publicação de livros.

Mas não parou por aí o importante papel de Nita no processo de produção intelectual de Paulo Freire. Após a morte de Paulo, em maio de 1997, Nita assumiu como uma missão de caráter ético, histórico e pedagógico, resgatar textos

de Freire inéditos e organizá-los para publicação. Foi assim que vieram a público o *Pedagogia da Indignação* (2000b), *Pedagogia dos Sonhos Possíveis* (2001) e *Pedagogia da Tolerância* (2005).

E para culminar essa preciosa contribuição à divulgação do pensamento e da obra de Paulo Freire, Nita publicou em 2006 uma obra de referência duradoura: a mais completa biografia acerca de seu marido, intitulada *Paulo Freire: Uma História de Vida*, cuja elaboração tive o privilégio de acompanhar e cujo Prefácio tive a honra de redigir com Vera Barreto.

Por tudo isso, não temo parecer excessivo ao afirmar, conclusivamente, que a obra de Paulo Freire não teria alcançado a envergadura que alcançou se não fosse a presença forte, instigadora, cuidadosa, amorosa e contributiva de Nita Freire em sua vida.

REFERENCES

- Casali, A. (1998). Paulo Freire: O educador na história. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, 10, 95-109.
- Delors, J., Al-Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., Zhou, N. (1998). *Relatório da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC-UNESCO.
- Dussel, E. (1998). *Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión*. Madrid: Trotta.
- Freire, A. (2006). *Paulo Freire: Uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (26th ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1993). *Política e educação*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1993). *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho d'Água.
- Freire, P. (1994). *Cartas a Cristina*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1995). *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Educação como prática da liberdade* (24th ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação*. São Paulo: Unesp.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Unesp.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: Unesp.